

A DOCTRINA DO CHOCQUE

A ASCENSÃO DO CAPITALISMO DE DESASTRE

Título original
The Shock Doctrine: The Rise of Disaster Capitalism

ISBN (original)
978-0-312-42799-3

Copyright @ 2007 by Naomi Klein
Edição original por Picador, Henry Holt and Company

Todos os direitos para a publicação
em Portugal reservados por:
SmartBook
Av. Fontes Pereira de Melo, 25, 2.º Esq.
1050-117 Lisboa
Tel.: +351 213 150 340
Tel.: +351 912 745 487
Fax: +351 213 150 341

E-mail: geral@smartbook.pt

Site: www.smartbook.pt

Coordenação Editorial: Ricardo Brito
Tradução: Marco de São João

Paginação: ZPOTmedia

Capa: Lisa Fyfe
Adaptação da Capa: ZPOTmedia

Impressão e acabamentos: Tipografia Guerra Lda.

Naomi Klein

A Doutrina do Choque. A Ascensão do Capitalismo de Desastre

ISBN: 978-989-95970-6-8

Depósito Legal n.º 294173/09

1.ª Edição: Junho 2009

Para Avi, novamente

“Qualquer mudança é uma mudança no tópico.”
– César Aira, novelista argentino, *Cumpleaños*, 2001

ÍNDICE

INTRODUÇÃO

Em Branco É Belo: Três Décadas a Apagar e a Refazer o Mundo	13
--------------------------------------------------------------------	----

PARTE I

Dois Doutores do Choque: Pesquisa e Desenvolvimento	35
------------------------------------------------------------	----

1. O Laboratório da Tortura: Ewen Cameron, a CIA e a Demanda Maníaca para Apagar e Refazer a Mente Humana 37
2. O Outro Doutor do Choque: Milton Friedman e a Busca por um Laboratório *Laissez-Faire* 63

PARTE II

O Primeiro Teste: As Dores de Parto	87
--------------------------------------------	----

3. Estados de Choque: O Nascimento Sangrento da Contra-Revolução 89
4. Limpar a Tábua: o Terror Faz o Seu Trabalho 115
5. “Completamente Desconectados”: Como uma Ideologia Foi Purificada dos Seus Crimes 133

PARTE III

A Democracia Sobrevivente: Bombas Feitas de Leis	147
---------------------------------------------------------	-----

6. Salvos por uma Guerra: O Thatcherismo e os Seus Inimigos Úteis 149
7. O Novo Doutor do Choque: o Estado de Guerra Económico Substitui a Ditadura 161
8. A Crise Funciona: O Empacotamento da Terapia de Choque 175

PARTE IV

Perdidos na Transição: Enquanto Chorávamos, Enquanto Tremíamos, Enquanto Dançávamos	191
--------------------------------------------------------------------------------------------	-----

9. Fechando Estrondosamente a Porta à História: Uma Crise na Polónia, um Massacre na China 193
10. A Democracia Nascida Acorrentada: A Liberdade Constringida da África do Sul 217

11. A Fogueira de Uma Democracia Jovem: A Rússia Escolhe “A Opção Pinochet”	243
12. O Id Capitalista: A Rússia e a Nova Era do Mercado Rústico	273
13. Deixem Arder: A Pilhagem da Ásia e “a Queda do Segundo Muro de Berlim”	291
PARTE V	
A Emergência do Complexo do Capitalismo de Desastre	311
14. A Terapia de Choque nos EUA: A Bolha da Segurança Interna	313
15. Um Estado Corporativista: Removendo a Porta Giratória, Colocando uma Arcada	341
PARTE VI	
Iraque, Círculo Fechado, Sobrechoque	357
16. Apagando o Iraque: Em Busca de um “Modelo” para o Médio Oriente	359
17. Um Tiro Pela Culatra Ideológico: Um Desastre Muito Capitalista	377
18. Círculo Completo: Da Tábua Rasa à Terra Devastada	399
PARTE VII	
A Zona Verde Móvel: Zonas de Amortecimento e Paredes de Con- teção	423
19. Arrasando a Praia: “O Segundo Tsunami”	425
20. O <i>Apartheid</i> do Desastre: Um Mundo de Zonas Verdes e Zonas Vermelhas	447
21. A Perda do Incentivo para a Paz: Israel Enquanto Aviso	467
CONCLUSÃO	
O Choque Dissipa-se: A Emergência da Reconstrução Popular	489
NOTAS	515
AGRADECIMENTOS	585





EM BRANCO É BELO

TRÊS DÉCADAS A APAGAR E A REFAZER O MUNDO

“A terra, porém, estava corrompida diante da face de Deus: e encheu-se a terra de violência. E viu Deus a terra, e eis que estava corrompida; porque toda a carne havia corrompido o seu caminho sobre a terra. Então Deus disse a Noé: ‘O fim de toda a carne é vindo perante a minha face; porque a terra está cheia de violência; e eis que os desfarei com a terra.’”

– Gênesis 6:11

“Choque e Pavor são acções que criam medos, perigos e destruição, as quais são incompreensíveis para a maioria das pessoas, elementos/sectores específicos da sociedade de ameaça, ou para a liderança. A natureza, sob a forma de tornados, furações, terremotos, inundações, fogos incontroláveis, fome e doença consegue engendrar Choque e Pavor.”

– *Shock and Awe: Achieving Rapid Dominance*, a doutrina militar para a guerra dos EUA contra o Iraque¹



Eu conheci Jamar Perry em Setembro de 2005, no grande abrigo da Cruz Vermelha em Baton Rouge, Louisiana. O jantar estava a ser repartido por jovens Cientologistas com largos sorrisos cheios de dentes, e ele estava na fila. Eu tinha acabado de ser apanhada a falar com evacuados sem uma escolta dos meios de comunicação social e estava agora a dar o meu melhor por passar despercebida, uma canadiana branca num mar de sulistas afro-americanos. Esquivei-me para a fila da comida, atrás de Perry, e pedi-lhe para falar para mim como se fôssemos velhos amigos, coisa que ele gentilmente fez.

Nascido e criado em Nova Orleães, ele tinha estado ausente da cidade inundada havia uma semana. Ele parecia ter 17 anos, mas disse-me ter 23. Ele e a sua família tinham esperado imenso tempo pelos autocarros de evacuação; quando estes não chegaram eles tinham caminhado sob o Sol abrasador. Por fim, vieram parar aqui, a um enorme centro de convenções, normalmente ocupado com congressos farmacêuticos e o torneio *Capital City Carnage: The Ultimate Steel Cage Fighting* agora completamente obstruído por duas mil camas e uma confusão de pessoas zangadas e exaustas, patrulhadas por soldados da Guarda Nacional facilmente irritáveis, acabados de regressar do Iraque.

As notícias que corriam pelo abrigo naquele dia eram sobre Richard Baker, um proeminente congressista Republicano desta mesma cidade, que tinha dito o seguinte a um grupo de *lobbyistas*: “Finalmente limpámos o alojamento social em Nova Orleães. Nós não o conseguíamos fazer, mas Deus fê-lo.”² Joseph Canizaro, um dos mais ricos investidores no desenvolvimento de Nova Orleães, tinha acabado de exprimir um sentimento semelhante: “Creio que temos uma folha em branco de onde podemos recomeçar. E com esta folha em branco temos algumas oportunidades muito grandes.”³ Durante toda essa semana a Legislatura Estadual do Louisiana em Baton Rouge tinha estado repleta de *lobbyistas* corporativos a ajudar a firmar essas grandes oportunidades: impostos mais baixos, menos regulamentos, trabalhadores mais baratos e uma “cidade mais pequena e mais segura” – o que, na prática, significava planos para arrasar com os projectos de habitação social e substituí-los por condomínios. Ao ouvir toda esta conversa sobre “novos começos” e “folhas em branco”, quase nos esquecemos

da sopa tóxica de entulho, escoamentos químicos e restos humanos a apenas alguns quilômetros de distância pela auto-estrada.

Lá no abrigo, Jamal não conseguia pensar em mais nada. “Eu não vejo mesmo isto como uma limpeza da cidade. O que eu vejo é que muita gente morreu na parte alta da cidade. Pessoas que não deviam ter morrido.”

Ele estava a falar baixo, mas um homem mais velho que estava na fila à nossa frente ouviu-o e virou-se de rompante: “O que se passa com esta gente em Baton Rouge? Isto não é uma oportunidade. É uma tragédia, caramba! Será que eles são cegos?”

Uma mãe com dois filhos intrometeu-se. “Não, eles não são cegos. São pérfidos. Eles vêem muito bem.”

Um dos que viu uma oportunidade nas águas diluviais foi Milton Friedman, grande *guru* do movimento pelo capitalismo liberal e o homem creditado por escrever o livro de regras da economia global contemporânea hipermóvel. Apesar dos seus 95 anos de idade e uma saúde frágil, o “Tio Miltie”, como é conhecido entre os seus seguidores, encontrou forças para escrever um artigo de opinião para o *Wall Street Journal* três meses depois de os diques terem cedido. “A maioria das escolas de Nova Orleães está em ruínas”, observou Friedman, “assim como os lares das crianças que as frequentavam. As crianças estão agora espalhadas por todo o país. Isto é uma tragédia. É também uma oportunidade de reformar de forma radical o sistema educativo.”⁴

A ideia radical de Friedman era que, em vez de se gastar uma porção dos milhares de milhões de dólares do dinheiro de reconstrução em reconstruir e melhorar o sistema de ensino público de Nova Orleães, o governo devia providenciar vouchers às famílias, os quais poderiam ser gastos em instituições privadas, muitas delas com vista no lucro, que seriam subsidiadas pelo Estado. Era crucial, escreveu Friedman, que esta mudança fundamental não fosse um remendo mas sim “uma reforma permanente”.⁵

Uma rede de peritos da ala direita agarraram na proposta de Friedman e caíram sobre a cidade depois da tempestade. A administração de George W. Bush apoiou os planos deles com 10 milhões de dólares para converter as escolas de Nova Orleães em “escolas por alvará”, instituições financiadas com dinheiros públicos e geridas por entidades privadas de acordo com as suas próprias regras. As escolas por alvará são uma questão profundamente polarizante nos EUA, em particular em Nova Orleães, onde são vistas por muitos pais afro-americanos como uma forma de inverter os ganhos do movimento dos direitos civis, o qual garante a todas as crianças o mesmo padrão de educação. No entanto, para Milton Friedman, todo o conceito de um sistema de ensino dirigido pelo Estado tresandava a socialismo.** Na sua perspectiva, as únicas

funções do Estado são “proteger a nossa liberdade tanto dos inimigos do lado de fora dos nossos portões, como dos nossos co-cidadãos: preservar a lei e a ordem, fazer cumprir os contratos privados, fomentar mercados competitivos.”⁶ Por outras palavras, fornecer polícias e soldados – tudo o resto, incluindo providenciar educação gratuita, seria uma interferência desleal no mercado.

Em acentuado contraste com o passo glacial a que os diques eram reparados e a rede eléctrica era restaurada, o leilão do sistema de ensino de Nova Orleães estava a acontecer com velocidade e precisão militares. Em menos de dezanove meses, com a maioria dos residentes mais pobres ainda no exílio, o sistema de ensino de Nova Orleães tinha sido quase totalmente substituído por escolas por alvará geridas por privados. Antes do furacão Katrina, o conselho escolar dirigia 123 escolas públicas; agora dirigia apenas 4. Antes da tempestade, existiam 7 escolas por alvará na cidade; agora existiam 31.⁷ Dantes, os professores de Nova Orleães eram representados por um sindicato forte; agora, o contrato do sindicato tinha sido feito em farrapos, e os seus 4700 membros tinham sido todos despedidos.⁸ Alguns dos professores mais novos foram reintegrados nas escolas, com salários reduzidos; a maioria não foi.

Nova Orleães era agora, de acordo com o *New York Times*, “o mais preeminente laboratório da nação para o teste do uso generalizado de escolas por alvará”, enquanto o Instituto Americano do Empreendimento, um grupo de peritos *friedmanita*, entusiasmava-se ao dizer que “o Katrina conseguiu num dia (...) o que os reformadores escolares do Louisiana não conseguiram fazer ao fim de anos a tentar.”⁹ Entretanto, os professores das escolas públicas, ao verem o dinheiro atribuído às vítimas das cheias a ser desviado para apagar um sistema público e substituí-lo com um sistema privado, apelidaram o plano de Friedman de “uma especulação imobiliária aplicada à educação.”¹⁰

Eu chamo a estas incursões orquestradas à esfera pública no rescaldo destes acontecimentos catastróficos, combinadas com o tratamento dos desastres como excitantes oportunidades de mercado, de “capitalismo de desastre”.

O artigo de opinião de Friedman sobre Nova Orleães acabou por ser a sua última recomendação política pública; ele faleceu menos de um ano depois, a 16 de Novembro de 2006, com 94 anos. A privatização do sistema de ensino de uma cidade americana de tamanho médio pode parecer uma preocupação pouco importante para o homem aclamado o economista mais influente dos últimos 50 anos, o qual tinha entre os

** NT: Nos EUA o termo “socialismo” tem um valor depreciativo, diferente ao valor atribuído na Europa.

seus discípulos vários presidentes norte-americanos, primeiros-ministros britânicos, oligarcas russos, ministros das finanças polacos, ditadores do Terceiro Mundo, secretários do Partido Comunista Chinês, directores do Fundo Monetário Internacional e os três últimos chefes da Reserva Federal dos EUA. No entanto, a sua determinação em explorar a crise em Nova Orleães para fazer avançar uma versão fundamentalista do capitalismo era, igualmente, uma despedida estranhamente adequada deste expansivamente energético catedrático de 1,58 centímetros de altura que, no seu auge, se descreveu como “um pregador à moda antiga a celebrar um sermão de domingo.”¹¹

Durante mais de três décadas, Friedman e os seus poderosos seguidores tinham aperfeiçoado esta exacta estratégia: esperar por uma crise de grandes dimensões para vender ao desbarato partes do Estado a interesses privados enquanto os cidadãos ainda estavam atordoados do choque, e depois tornar rapidamente as “reformas” permanentes.

Num dos seus ensaios mais influentes, Friedman articulava o núcleo táctico *nostrum* do capitalismo contemporâneo, aquilo que tenho vindo a compreender como a doutrina do choque. Ele notava que “apenas uma crise – real ou apreendida – produz mudanças reais. Quando essa crise ocorre, as acções que são levadas a cabo dependem das ideias que estão mais à mão. Essa acredito ser a nossa função básica: desenvolver alternativas às políticas existentes, mantê-las vivas e disponíveis até que o politicamente impossível se torne no politicamente inevitável.”¹² Algumas pessoas armazenam conservas enlatadas e água como preparação para os grandes desastres; os *friedmanitas* armazenam ideias de mercado livre. E assim que uma crise se abateu, o professor da Universidade de Chicago estava convencido que era crucial agir rapidamente, impor mudanças rápidas e irreversíveis antes que a sociedade, abalada pela crise, deslizesse de novo para a “*tiranía do status quo*”. Ele estimava que “uma nova administração tem entre seis a nove meses para efectuar grandes mudanças; se não agarrar a oportunidade de agir decisivamente durante esse período, não voltará a ter uma oportunidade igual.”¹³ Sendo isto uma variante do conselho de Maquiavel de que “as feridas” devem ser infligidas “todas de uma vez”, provou ser um dos legados estratégicos mais duradouros de Friedman.

Friedman aprendeu a explorar um choque ou crise em larga escala em meados da década de 1970, quando era conselheiro do ditador chileno General Augusto Pinochet. Não só os chilenos estavam em estado de choque no seguimento do violento Golpe de Estado de Pinochet, como também o país estava traumatizado por uma grave hiperinflação. Friedman aconselhou Pinochet a impor uma transformação de rajada na economia – cortes nos impostos, livre comércio, serviços privatizados, cortes nas despesas sociais e abolição de algumas regulamentações. Com o tempo, os chilenos

chegaram mesmo a ver as suas escolas públicas serem substituídas por escolas privadas financiadas por dinheiros públicos. Foi a mais extrema transformação capitalista alguma vez tentada e ficou conhecida como a revolução da “Escola de Chicago”, visto que muitos dos economistas de Pinochet tinham sido alunos de Friedman na Universidade de Chicago. Friedman previu que a velocidade, brusquidão e alcance das deslocções económicas iriam provocar reacções psicológicas no público que iriam “facilitar o ajustamento”.¹⁴ Ele criou uma expressão para designar esta táctica dolorosa: “tratamento de choque” económico. Desde então, sempre que algum governo impôs extensos programas de mercado livre, o método escolhido tem sido o tratamento de choque tudo-de-uma-vez, ou “terapia de choque”.

Pinochet também facilitou o ajustamento com os seus próprios tratamentos de choque; estes tratamentos eram realizados nas inúmeras celas de tortura do regime, infligidos nos corpos contorcidos daqueles vistos como mais prováveis de se intrometerem no caminho da transformação capitalista. Muitos na América Latina viram uma ligação directa entre os choques económicos que empobreceram milhões de pessoas e a epidemia de torturas que castigavam centenas de milhares de pessoas que acreditavam num tipo diferente de sociedade. O escritor uruguaio Eduardo Galeano perguntou “Como pode esta desigualdade ser mantida se não for através de descargas de choques eléctricos?”¹⁵

Exactamente 30 anos após estas três distintas formas de choque se abaterem sobre o Chile, a fórmula reemergiu, com muito mais violência, no Iraque. Primeiro surgiu a guerra, desenhada, de acordo com os autores da doutrina militar do Choque e Pavor para “controlar a vontade, percepções e compreensão do adversário, e, literalmente, deixar um adversário impotente para agir ou reagir.”¹⁶ Em seguida surgiu a radical terapia de choque económica, imposta, enquanto o país ainda estava em chamas, pelo enviado chefe dos EUA, L. Paul Bremer – privatizações em massa, mercado totalmente livre, uma taxa de imposto de 15%, um dramático corte no número de membros do governo. O ministro do comércio interino iraquiano, Ali Abdul-Amir Allawi, disse, na altura, que os seus compatriotas estavam “fartos e cansados de serem objecto de experiências. Já houve suficientes choques no sistema, por isso não precisamos desta terapia de choque na economia.”¹⁷ Os iraquianos que resistiram foram arrebanhados e levados para prisões onde os seus corpos e mentes encontraram mais choques, estes claramente menos metafóricos.

Eu comecei a investigar a dependência do mercado livre no poder do choque há quatro anos atrás, durante os primeiros dias da ocupação do Iraque. Depois de relatar a partir de Bagdade as tentativas falhadas de Washington de fazer preceder o Choque

e Pavor com a terapia de choque, viajei para o Sri Lanka, vários meses após o devastador tsunami de 2004, e testemunhei outra versão da mesma manobra: investidores estrangeiros e facilitadores de empréstimos internacionais tinham-se juntado para aproveitar a atmosfera de pânico e entregar toda a bela linha costeira a empreendedores que, rapidamente, construíram grandes *resorts*, impedindo centenas de milhares de pescadores de reconstruir as suas aldeias perto da água. “Numa cruel reviravolta do destino, a natureza tinha presenteado o Sri Lanka com uma oportunidade única, e desta tragédia nascerá um destino turístico de renome mundial”, anunciou o governo do Sri Lanka.¹⁸ Na altura em que o furacão Katrina atingiu Nova Orleães, e o nexo de políticos Republicanos, peritos e empreiteiros começou a falar de “folhas em branco” e oportunidades excitantes, era patente que este era agora o método preferido de fazer avançar os objectivos corporativos: utilizar momentos de trauma colectivo para engendrarem mudanças sociais e económicas radicais.

A maioria das pessoas que sobrevive a um desastre devastador quer o oposto de uma tábua rasa: querem tentar salvar tudo o que consigam e começar a reparar o que não foi destruído; querem reafirmar as suas raízes com o local que as formou. “Quando estou a reconstruir a cidade sinto que me estou a reconstruir”, disse Cassandra Andrews, uma residente do Nono Bairro Inferior, uma das zonas mais danificadas de Nova Orleães, enquanto limpava destroços deixados pela tempestade.¹⁹ Mas os capitalistas de desastre não têm interesse nenhum em reparar o que outrora existira. No Iraque, Sri Lanka e Nova Orleães, o processo ao qual chamaram, enganadoramente, “reconstrução” começou com a conclusão do trabalho do desastre original, ao apagar o que tinha sobrado da esfera pública e das comunidades enraizadas, e, depois, rapidamente substituí-las com uma espécie de Nova Jerusalém corporativa – tudo isso antes que as vítimas de guerra ou de desastres naturais fossem capazes de se organizar e reivindicar os seus direitos sobre aquilo que lhes pertencia.

Mike Battles foi quem o disse melhor: “Para nós, o medo e a desordem ofereciam grandes promessas.”²⁰ O ex-operativo da CIA de 34 anos estava a referir-se a como o caos no Iraque após a invasão tinha ajudado a sua desconhecida e inexperiente firma de segurança privada, a Custer Battles, a sacar cerca de 100 milhões de dólares em contratos ao governo federal.²¹ As suas palavras poderiam muito bem ser usadas como o *slogan* para o capitalismo contemporâneo – o medo e a desordem são os catalisadores de cada novo salto em frente.

Quando iniciei esta pesquisa sobre a intersecção entre super-lucros e mega-desastres, pensei que estaria a testemunhar uma mudança de fundo na forma como o impulso para “liberar” os mercados estava a avançar por todo o mundo. Tendo feito parte do movimento contra a inflação do poder corporativo que teve a sua estreia em

Seattle em 1999, eu estava acostumada a ver políticas amigas dos negócios semelhantes a serem impostas, pela força, em cimeiras da Organização Mundial do Comércio (OMC), ou como as condições anexadas aos empréstimos do Fundo Monetário Internacional (FMI). As três exigências que são a marca registada do processo – privatização, desregulamentação governamental e cortes profundos nos gastos sociais – tendiam a ser extremamente impopulares entre os cidadãos, mas quando os acordos eram assinados ainda existia pelo menos o pretexto de consentimento mútuo entre os governos que levavam a cabo as negociações, bem como um consenso entre os supostos especialistas. Agora o mesmo programa ideológico estava a ser imposto através dos piores meios coercivos possíveis: sob ocupação militar estrangeira após uma invasão, ou no seguimento imediato de um desastre natural cataclísmico. O 11 de Setembro parecia ter fornecido a Washington uma luz verde para poder parar de perguntar aos países se eles queriam a versão dos EUA de “comércio livre e democracia” e poder começar a impor essa versão utilizando a força militar baseada no Choque e Pavor.

No entanto, à medida que eu aprofundava sobre a história de como este modelo de mercado tinha varrido o globo, descobri que a ideia de tirar partido de crises e de desastres tinha sido o *modus operandi* do movimento de Milton Friedman logo desde o início – esta forma fundamentalista de capitalismo desde sempre necessitava de desastres para avançar. Era, sem dúvida, um facto que os desastres que facilitavam este capitalismo estavam a ficar cada vez maiores e mais chocantes mas o que estava a acontecer no Iraque e em Nova Orleães não era uma invenção nova do pós-11 de Setembro. Pelo contrário, estas ousadas experiências com a exploração de crises eram o culminar de três décadas de rigorosa adesão à doutrina do choque.

Vistos através das lentes desta doutrina, os últimos 35 anos parecem-nos muito diferentes. Algumas das mais infames violações dos direitos humanos desta era, as quais, até agora, tendiam a ser vistas como actos sádicos perpetrados por regimes anti-democratas, eram, na realidade, ou cometidos com o intuito deliberado de aterrorizar o público, ou activamente acumulados para preparar o terreno para a introdução de “reformas” radicais do mercado livre. Na Argentina nos anos 70, o desaparecimento por parte da junta** de 30 mil pessoas, na sua maioria activistas de esquerda, foi parte integral da imposição das políticas da Escola de Chicago do país, tal como o terror tinha sido parceiro no mesmo tipo de metamorfose económica no Chile. Na China em 1989, foi o choque do massacre na Praça de Tiananmem e a subsequente prisão de dezenas de milhares de pessoas que libertou a mão do Partido Comunista

** NT: Junta militar argentina nas décadas de 1970 e 1980.

para que este pudesse converter a maior parte do país numa enorme zona de exportações, operada por trabalhadores demasiado aterrorizados para exigirem os seus direitos. Na Rússia em 1993, foi a decisão de Boris Yeltsin de enviar tanques para incendiar o edifício do Parlamento e de prender os líderes da oposição que abriu caminho para as privatizações, feitas a preços baixíssimos, que criaram os conhecidos oligarcas do país.

A Guerra das Falklands em 1982 serviu um objectivo semelhante a Margaret Thatcher no Reino Unido: a desordem e excitação nacionalista resultantes da guerra permitiu-lhe usar uma força tremenda para esmagar os mineiros do carvão em greve e lançar o primeiro frenesim de privatizações de sempre numa democracia Ocidental. O ataque da OTAN a Belgrado em 1999 criou as condições propícias às rápidas privatizações na antiga Jugoslávia – um objectivo que antecedia à guerra. O sistema económico não era, de modo algum, o único motivador destas guerras, mas em cada um dos casos um grande choque colectivo era aproveitado para preparar o terreno para uma terapia de choque económica.

Os episódios traumáticos que têm servido esta função de “amaciar” não têm sido sempre abertamente violentos. Na América Latina e em África nos anos 80, foi a crise causada pelas elevadas dívidas que forçou os países a uma situação de “ser privatizado ou morrer”, expressão usada por um antigo funcionário do FMI.²² Tendo sido destroçados pela hiperinflação, e estando demasiado endividados para recusarem às exigências que vinham misturadas com os empréstimos estrangeiros, estes governos aceitaram o “tratamento de choque” com a promessa de que seriam poupados a piores desastres. Na Ásia foi a crise financeira de 1997/98 – quase tão devastadora quanto a Grande Depressão – que rebaixou os pretensos Tigres Asiáticos, expondo os seus mercados àquilo que o *New York Times* descreveu como “a maior liquidação total do mundo”.²³ Muitos destes países eram democracias, mas as radicais transformações do mercado livre não foram impostas democraticamente. Muito antes pelo contrário: segundo o entendimento de Friedman, a atmosfera de crise em grande escala proporcionava o pretexto necessário para indeferir os desejos expressos dos eleitores e entregar o país nas mãos dos “tecnocratas”.

Naturalmente existem casos em que a adopção de políticas de mercado livre tem acontecido de forma democrática – há políticos que têm concorrido com plataformas absolutistas e que ganham eleições, sendo a presidência de Ronald Reagan um exemplo acabado disso, e a eleição do presidente francês Nicolas Sarkozy um exemplo mais recente. No entanto, nestes casos os cruzados do mercado livre viram-se confrontados com a pressão pública e foram, invariavelmente, forçados a moderar e modificar os seus planos radicais e tiveram de aceitar mudanças graduais em lugar

de uma conversão total. O que é importante reter é que, embora o modelo económico de Friedman seja capaz de ser parcialmente imposto num regime democrático, são necessárias condições autoritárias para a implementação da sua visão fiel. Para que a terapia de choque económica seja implementada sem restrições – como aconteceu no Chile nos anos 70, na China no final dos anos 80, na Rússia nos anos 90 e nos Estados Unidos após o 11 de Setembro de 2001 – foi sempre preciso contar com algum tipo de grande trauma colectivo, o qual ou suspendesse temporariamente as práticas democráticas, ou que as bloqueasse por completo. Esta cruzada ideológica nasceu nos regimes autoritários da América do Sul, e na Rússia e na China, os seus novos e grandes territórios, ela co-existe muito confortavelmente, e muito lucrativamente, com uma liderança férrea até hoje.

A Terapia de Choque Vem Para Casa

O movimento da Escola de Chicago de Friedman tem vindo a conquistar território por todo o mundo desde os anos 70, mas até há pouco tempo a sua visão ainda não tinha sido completamente aplicada ao seu país de origem. É certo que Reagan tinha feito progressos nesse sentido, mas os Estados Unidos mantiveram um sistema de Segurança Social, de apoio cívico e de escolas públicas, no qual os pais se apegavam, citando as palavras de Friedman, aos seus “laços irracionais com um sistema socialista”.²⁴

Quando os Republicanos ganharam controlo sobre o Congresso em 1995, David Frum, um canadiano transplantado e futuro *speechwriter*** de George W. Bush, contava-se entre os pretensos neoconservadores que clamavam por uma revolução económica ao estilo de terapia de choque nos Estados Unidos. “Eis como eu penso que deveríamos proceder. Em vez de os cortarmos aos poucos – um bocadinho aqui, um bocadinho ali – eu proporia que, num único dia neste Verão, eliminássemos trezentos programas, cada um com custo igual ou inferior a mil milhões de dólares. Talvez estes cortes não façam grande diferença mas, bolas, marcarão uma posição. E podemos fazê-los imediatamente.”²⁵

Frum não conseguiu a sua terapia de choque caseira nessa altura, em grande medida porque não havia nenhuma crise doméstica para preparar o terreno. Mas em 2001 isso mudou. Quando se deu o ataque de 11 de Setembro, a Casa Branca estava apinhada de discípulos de Friedman, incluindo o seu amigo chegado Donald Rums

** NT: Pessoa que escreve os discursos presidenciais.

feld. A equipa de Bush agarrou o momento de vertigem colectiva com uma velocidade estonteante – não como alguns já afirmaram, porque a administração tivesse maleficamente conspirado a crise, mas porque as figuras chave da administração, veteranos de anteriores experiências com o capitalismo de desastre na América Latina e na Europa de Leste, eram parte de um movimento que reza por uma crise com o mesmo fervor com que um agricultor afectado pela seca reza pela chuva, e com o mesmo fervor com que os Cristãos-Sionistas invocadores do fim dos tempos rezam pelo Arrebatamento. Quando o tão esperado desastre se abate, eles sabem que o seu momento chegou finalmente.

Durante três décadas, Friedman e os seus seguidores tinham metodicamente explorado momentos de choque noutros países – equivalentes estrangeiros ao 11 de Setembro, a começar pelo Golpe de Estado de Pinochet a 11 de Setembro de 1973. O que aconteceu no 11 de Setembro de 2001 foi que uma ideologia incubada em universidades americanas e fortificada em instituições de Washington tinha finalmente a sua hipótese de vir para casa.

A administração Bush apossou-se do medo gerado pelos ataques não apenas para lançar a “Guerra Contra o Terror” mas também para garantir que se torna num empreendimento quase completamente *for-profit*, uma nova indústria em franca expansão que deu um segundo fôlego à vacilante economia americana. Melhor compreendida como um “complexo do capitalismo de desastre”, possui tentáculos muito mais longos do que o complexo militar-industrial contra o qual Dwight Eisenhower nos avisou no final do seu mandato: isto é uma guerra global travada a todos os níveis por companhias privadas cujo envolvimento é pago com dinheiros públicos, e que têm o mandato interminável de proteger a pátria dos Estados Unidos perpetuamente ao mesmo tempo que eliminam todo o “mal” além-fronteiras. Em apenas uma mão cheia de anos, o complexo já expandiu o seu alcance de mercado de lutar contra o terrorismo para a manutenção internacional da paz, o policiamento municipal e a resposta a desastres naturais, cada vez mais frequentes. O objectivo último das corporações no centro do complexo é trazer o modelo do governo *for-profit*, o qual avança tão depressa quando as circunstâncias são extraordinárias, para as corriqueiras funções do dia-a-dia do Estado – com efeito, privatizar o governo.

Para dar o pontapé de saída para o complexo do capitalismo de desastre, a administração Bush concessionou, sem qualquer debate público, muitas das funções governamentais mais essenciais e sensíveis – desde providenciar cuidados de saúde aos soldados, passando por interrogar prisioneiros, até à recolha e “prospecção de dados”** de informação sobre todos nós. O papel do governo nesta guerra inter-

** NT: Processo de extrair padrões escondidos a partir de informação recolhida.

minável não é o de um administrador a gerir uma rede de adjudicatários mas o de um capitalista de empreendimentos de risco com bolsos fundos, que tanto providenciava o dinheiro de arranque para a criação do complexo, como se tornava no maior cliente dos seus novos serviços. Citando apenas três estatísticas que mostram o alcance da transformação, em 2003 o governo dos Estados Unidos colocou 3512 contratos nas mãos de companhias para estas exercerem funções de segurança. Durante o período de 22 meses que terminou em Agosto de 2006, o Departamento de Segurança Interna tinha celebrado mais de 115 mil contratos do género.²⁶ A “indústria da segurança interna” na sua globalidade, a qual era economicamente insignificante antes de 2001, é, agora, um sector de 200 mil milhões de dólares.²⁷ Em 2006 os gastos do governo dos Estados Unidos com a segurança interna ascendiam a uma média de 545 dólares por agregado familiar.²⁸

E isso era só na frente doméstica da Guerra Contra o Terror; era a lutar nas guerras além-fronteiras que se fazia dinheiro a sério. Para além dos contratos com os fabricantes de armas, que têm visto os seus lucros disparar graças à guerra no Iraque, a manutenção dos exércitos dos Estados Unidos é agora uma das economias de serviços em mais rápida expansão do mundo.²⁹ “Nenhum par de países em que ambos tenham um McDonald’s alguma vez travaram uma guerra um contra o outro”, declarou ousadamente o colunista do *New York Times* Thomas Friedman em Dezembro de 1996.³⁰ Não apenas ficou provado dois anos mais tarde que ele estava enganado, como, graças ao modelo de guerra *for-profit*, as Forças Armadas dos Estados Unidos entram em guerra com o Burger King e a Pizza Hut atrelados, contratando-os para estabelecerem *franchises*** para os soldados em bases militares desde o Iraque até à “mini cidade” na Baía de Guantánamo.

E depois temos o auxílio humanitário e a reconstrução. Pioneiros no Iraque, o auxílio e reconstrução *for-profit* já se tornou no novo paradigma global, independentemente da razão da destruição original ter sido um ataque de antecipação, como o ataque de Israel ao Líbano em 2006, ou um furacão. Com a escassez de recursos e as alterações climáticas a fornecerem um fluxo cada vez maior de novos desastres, responder a essas emergências é simplesmente um mercado em ascensão demasiado bom para ser deixado nas mãos das organizações sem fins lucrativos – porque é que tem de ser a UNICEF a reconstruir escolas, quando isso pode ser feito pela Bechtel, uma das maiores firmas de engenharia dos Estados Unidos? Porquê pôr os deslocados do Mississippi em apartamentos subsidiados vazios quando eles podem ser alojados em navios de cruzeiro da empresa Carnival? Porquê colocar no terreno

** NT: Concessões de exploração económica da marca.